

QUEBRANDO PARADIGMAS: A INCLUSÃO DO HOMEM NAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS

Acácia Maria Sá Vilar Lessa¹

Herbert David Lopez dos Santos²

José Antônio de Jesus³

Josefa Correia de Jesus Lima⁴

Mara Andrade dos Santos⁵

Stefania Crestana Nogueira Lima⁶

Tatiana de Carvalho Socorro⁷

Família na Sociedade Contemporânea



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A escolha do tema “Quebrando Paradigmas: a inclusão do homem contemporâneo no trabalho doméstico” deve-se ao fato de se observar o momento de transição pelo qual passa a sociedade atual, ao superar conceitos impostos ao sexo masculino, no tocante ao trabalho doméstico. Não será enfatizada, neste estudo, a venda da força de trabalho no âmbito doméstico. Entende-se, aqui, por trabalho doméstico o desempenho de atividades não remuneradas, relacionadas a casa e a família, produzidas pelos membros do núcleo familiar. Para a elaboração desse artigo foram feitas pesquisas em livros, sites, revistas e na constituição federal brasileira de 1988, assim como se realizou o levantamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O presente artigo tem como objetivo geral estudar a mudança comportamental do sexo masculino, frente ao trabalho doméstico, e tem como objetivos específicos apresentar os fatores históricos e socioeconômicos relacionados à inserção masculina no trabalho doméstico; descrever os fatores que contribuíram para a inserção do homem no trabalho doméstico; verificar a percepção da sociedade acerca da inclusão masculina nesse tipo de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Homem. Trabalho Doméstico. Quebra de Paradigmas.

ABSTRACT

The choice of the theme "Breaking Paradigms: the inclusion of contemporary man in domestic work" is due to the fact observe the moment of transition experienced by the present society, to overcome concepts taxes males, with regard to housework. It will not be emphasized in this study, the sale of the labor force in the home. It is understood, here, housework activities the performance unpaid, related to home and family, produced by members of the nuclear family. For the preparation of this article were made research in books, websites, magazines and on the Brazilian federal constitution of 1988, and held the data collection Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). This article has as main objective to study the behavioral change male, opposite the housework, and has the following objectives present the historical and socioeconomic factors related to male insertion in housework; describe the factors that contributed to the inclusion of men in housework; verify the perception of society about the male inclusion in this type of work.

KEYWORDS

Man. Housework. Breaking Paradigms.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo abordará, inicialmente, o processo histórico socioeconômico que deixou o homem à margem do trabalho doméstico, delegando essa função apenas ao sexo feminino, como se pode perceber em Engels (1995), o qual aborda a origem da família.

No segundo momento, será apresentado como a sociedade atual ainda reforça a ideia de que o trabalho doméstico está mais atrelado ao sexo feminino, o que contribui para manter ainda uma grande parcela dos homens afastados desse tipo de trabalho, a partir de um discurso ideológico da vocação das mulheres para o lar e os trabalhos domésticos. Essas ideias ainda hoje fortemente arraigadas perpetuam em uma parcela da sociedade, o que contribui para o afastamento do homem das atividades domésticas, conforme Jablonski (2008), mesmo com as mudanças que ocorreram na sociedade, para diminuir as distâncias entre os homens e as mulheres, quanto ao desenvolvimento do trabalho doméstico, alguns homens, mesmo mostrando-se favorável a essa distribuição ainda têm um comportamento não condizente com essas convicções.

Num terceiro momento, serão abordadas as transformações socioculturais que levaram uma parcela do homem contemporâneo a quebrar paradigmas ao se inserir no universo do trabalho doméstico, antes campo restrito ao sexo feminino.

Também será discutido, dentro de uma visão da Psicologia social, como o homem, ao refletir sobre as razões históricas da sociedade que explicam a sua forma de agir, toma consciência de si.

O estudo em questão justifica-se pela relação de desigualdade entre os gêneros que são criados pela sociedade, que por ser uma construção social adapta-se sempre à época e ao espaço em que ocorre, ou seja, as mulheres eram criadas para exercer tarefas domiciliares, pois eram responsáveis pela reprodução familiar, enquanto ao homem cabia o sustento da família, por ser ele o provedor da casa. Ficava, assim, cada um com seu papel fixo na sociedade.

No entanto, esse perfil está sendo mudado, pois na sociedade contemporânea, ambos os sexos estão no mercado de trabalho. Assim, os afazeres domésticos requerem uma coparticipação, o que contribui para minimizar a cultura machista patriarcal, e faz com que os homens demonstrem que são capazes de fazer os mesmos trabalhos, antes desempenhados somente pelas mulheres.

2 PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO E ECONÔMICO DA EXCLUSÃO DO HOMEM DOS AFAZERES DOMÉSTICOS

Engels (1995), ao pesquisar sobre as várias civilizações antigas, cita Bachofen (1861) *Direito Materno* e Morgan (1877) *A Sociedade Antiga* para mostrar o poderio do matriarcado na sociedade e a economia vigente nas tribos antigas e a tarefa de proliferação de indivíduos para a perpetuação da tribo. Nesse sentido, segundo ele:

[...] pela morte do proprietário de rebanhos estes teriam de passar primeiramente para seus irmãos e aos filhos destes últimos ou aos descendentes das irmãs de sua mãe. Quanto aos seus próprios filhos eram deserdados. (ENGELS, 1995, p. 59).

E quanto mais as relações deixavam de ter um caráter primitivo por causa do desenvolvimento da economia, mais as mulheres se viam diante de uma situação opressiva, visto que a partir de então ela devia conceber o casamento com apenas um homem e renunciar ao matrimônio por grupo.

Segundo Engels (1995), até o aparecimento da família sindiásmica, predomina a economia doméstica comunista, onde a mulher tem destaque dentro da *gens*, no entanto, já havia a divisão sexual do trabalho como primeira forma de divisão do trabalho. Na fase inferior da barbárie tem início uma distribuição de trabalho, em que a mulher fica responsável pelas tarefas domésticas.

O homem vai à guerra, incube - se da caça e da pesca, procura as matérias primas para a alimentação, produz os instrumentos necessários para a consecução dos seus fins. A mulher cuida da casa, prepara a comida e confecciona as roupas: cozinha, fia e cose. Cada um manda em seu domínio: o homem na floresta, a mulher em casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que elabora e usa: o homem possui as armas e os petrechos de caça e pesca, a mulher é a dona dos utensílios caseiros. (ENGELS, 1995, p. 178-179).

À proporção que o homem ganha uma posição mais importante por conta do aumento das riquezas, essa vantagem começa a interferir na ordem tanto da herança quanto da hereditariedade e provoca a abolição do direito materno. Ainda para Engels (1995), a reversão do direito materno foi a grande derrota histórica do sexo feminino; a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do prazer do homem além de simples instrumento de reprodução.

Percebe-se, então, que desde os tempos antigos o trabalho doméstico é uma das atividades mais desvalorizadas socialmente, considerando uma série de aspectos excludentes, como baixa remuneração, ampla jornada de trabalho e contratação às margens da legalidade. Essa atividade ainda possui resquícios escravistas que agrupa discriminações de gênero e raças ao eleger o papel específico da mulher negra na sociedade (BACELAR, 2001).

O trabalho doméstico no Brasil caracteriza-se pela elevada presença de mulheres negras, pela informalidade e pela precariedade salarial. Vários estudos sobre a temática racial, de gênero, e os que se debruçam especificadamente sobre o trabalho doméstico compreendem uma relação entre essa atividade e o passado colonial escravista que marcou de maneira perversa a população brasileira (DIEESE, 2006).

Naquele tempo, o mandar e o obedecer e as linhas de cor eram tidos como natural, isto é, indicava uma equivalência social entre o trabalho e seu executor, nesse sentido, ser negro era ser escravo (de certa forma era equivalente). Esse pensamento colonial projetou a imagem da mulher negra intrinsecamente ligada aos trabalhos manuais. A mulher negra era considerada mucama, ama de leite, cozinheira, arrumadeira, lavadeira, costureira dentre outras coisas, possuindo assim dotes inatos para realizar esses afazeres, ao contrário dos brancos que nasceram para mandar gerenciar e dominar (BACELAR, 2001).

Em 1888, foi abolida a escravidão, porém o trabalho escravo particularmente não foi abolido, pois se criou uma nova demanda de consumidores. O negro e a negra, antes indispensável à manutenção produtiva da economia nacional, agora não ocupavam mais esse posto, relegados a viver às margens da sociedade e sem perspectivas de

inclusão social. Paralelo a isso, ocorreu a vinda dos trabalhadores imigrantes europeus, entretanto a mulher negra ainda era visada para o trabalho doméstico (PINHO, 2014).

Historicamente, o trabalho exercido por mulheres é desvalorizado socialmente sob a égide sexista que considera como segunda ordem – vide as díspares remunerações entre os gêneros (DIEESE, 2006).

De acordo com Teycal (2007) homens que trabalhavam e mantinham relação estável com a mulher que também atuava no mercado de trabalho entendia que os afazeres domésticos deveriam ser realizados como uma “ajuda,” sendo assim, eles não achavam que era uma obrigação ajudar, e sim, uma generosidade, pois entendiam que o dever de fazer as atividades era da mulher. Essa visão remete ainda às antigas ideologias onde o homem é provedor e a mulher cuidadora do lar e dos afazeres domésticos.

O contexto social capitalista de supremacia patriarcal aceita a existência de uma natureza feminina e masculina, fazendo com que as diferenças entre estes sejam percebidas como fatos da natureza, a partir do qual se põe em evidência que, por meio do gênero, a mulher encontra-se numa posição inferior ao homem (DIEESE, 2006).

Na visão de Saffiotti (1987, p. 53) “a família tende a se desorganizar, pois o homem não aguenta os encargos econômicos de tal forma que os abandona recaindo a responsabilidade dos filhos para a mãe”. Nesse contexto, pode-se constatar que os homens ajudam nos afazeres, também, por entender a importância da contribuição econômica da mulher com relação às despesas do lar.

Materializa-se, então, a partir de tais fatos a postura do homem de subjugar a capacidade da mulher, tendo em vista o contexto sócio-histórico que é predominantemente escravista e machista, que conserva esse paradigma de gêneros. Apesar de o homem, aos poucos, está quebrando esse paradigma, ainda é a mulher a responsável pela maior parte dos serviços domésticos.

3 A SOCIEDADE ATUAL E O FORTALECIMENTO DA IDEIA DE QUE O HOMEM DEVE FICAR DISTANTE DAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS

Assim como antes a sociedade pregava padrões rígidos, ela ainda reforça a ideia de que o serviço doméstico é papel da mulher, pois como visto, esse foi um ideal construído pela sociedade, inclusive reforçado pela própria mulher. As mudanças ocorreram e vão continuar ocorrendo, porém, é preciso desmistificar a ideia de que o trabalho do lar está ligado à mulher por ela ter características de cuidadora, organizada, detalhista, acolhedora, dentre outros valores socialmente inculcados.

Em seu estudo, Jablonski (2008) conclui que, embora tenha havido mudanças significativas no sentido de diminuir as diferenças entre homens e mulheres no que

diz respeito ao desenvolvimento das atividades domésticas, permanece uma distância considerável entre o discurso e a prática, sendo certo que mesmo os homens cujas atitudes são positivas em relação à divisão de tarefas continuam, adotando um comportamento não compatível com tais convicções.

Contraditoriamente, existe uma situação evidentemente injusta que é consentida pelas mulheres. Essa postura é adquirida quando homens e mulheres, após assumirem papéis, maternal e paternal, exercerem aspectos mais arcaicos com relação a seus papéis parentais e suas divisões de trabalho doméstico, ainda que previamente essa conduta fosse igualitária. Essa vocação de assumir papéis preconcebidos se dá independentemente do status profissional das mulheres, do nível educacional.

Contudo, essa divisão de papéis entre homens e mulheres está em transformação. Assim:

As políticas de divisão do trabalho preconizadas na França nos últimos anos, parecem estimular mais uma postura em termos de complementariedade e de conciliação dos papéis, uma vez que elas caminham no sentido de uma divisão entre tipos de atividades e também de um certo reforço dos papéis domésticos, especialmente por intermédio do trabalho em tempo parcial. (HIRATA, 2002, p. 280).

Nesse sentido, é visto que o homem é capaz de colaborar efetivamente no trabalho doméstico. Ao quebrar esse paradigma tão incrustado na sociedade quanto à divisão de papéis, torna-se possível a quebra do preconceito de que os homens não exercem as mesmas atividades da mulher.

Devido ao compartilhamento das atividades domésticas, infere-se que tanto homens quanto mulheres são responsáveis no sentido de haver uma decisão conjunta quanto à distribuição de tarefas no serviço doméstico.

Dessa forma, fortalecem-se os laços afetivos por meio da compreensão, solidariedade, cooperação, amizade em meio à rotina atribulada nos dias de hoje, pois: “a afetividade, traduzida no respeito de cada um por si e por todos os membros – a fim de que a família seja respeitada em sua dignidade e honorabilidade perante o corpo social – é, sem dúvida nenhuma, uma das maiores características da família atual” (ASCENSÃO, 2005, p. 233).

4 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS CONTEMPORÂNEAS E A QUEBRA DE PARADIGMAS

As relações de desigualdade entre os gêneros são criadas pela sociedade. É uma construção social que se adapta sempre à época e ao espaço em que ocorrem, deter-

minadas pelos costumes locais de cada sociedade de acordo com a vida familiar, as normais morais e as leis de cada povo.

A partir do século XX, as mulheres começam a questionar e refletir sobre as desigualdades sociais existentes com relação ao sexo feminino. Isso proporcionou a eclosão de vários questionamentos sobre as condições de vida que as mulheres viviam. Nesse cenário, surgem vários movimentos sociais reivindicando seus direitos, a exemplo do Movimento Feminista. "Para o feminismo, a palavra 'gênero' passou a ser usada no interior dos debates que se travaram dentro do próprio movimento, ao buscarem uma explicação para a subordinação das mulheres." (PEDRO, 2005, p. 79). Vale salientar que esse movimento ganhou força com as transformações em que o Brasil vivia no período nas décadas de 1970 e 1980, que culminou com a criação da constituição cidadã, sendo assim o gênero percebeu o quanto seria importante sua luta em prol de igualdade social.

Ainda conforme Pedro (2005, p. 83),

As mulheres através dos movimentos feministas buscavam nas ciências resposta para o porquê de elas, em diferentes sociedades, serem submetidas à autoridade masculina, nas mais diversas formas e nos mais diferentes graus. Assim, constatavam, não importava o que a cultura definia como sendo atividade de mulheres, que esta atividade era sempre desqualificada.

Na visão de Bongaarts (1978) o motivo de a mulher ser inserida no mercado de trabalho deu-se pelo fato de em sua vida sexual ativa poder escolher quantos filhos queria ter, desencadeando assim, uma construção social diferente dos costumes postos por seus familiares até aquele momento. Vale especificar que isso só foi possível com a invenção da "pílula" anticoncepcional. Essa invenção científica fez com que o índice de natalidade diminuísse, pois a mulher podia escolher o momento que melhor convinha para ter seus filhos e, como consequência, podia trabalhar, buscando assim sua independência financeira. Contudo, constatou-se que há uma mudança de identidade que quebra o paradigma existente, como enfatiza Badinter (1993, p. 93):

Esse novo homem e novo pai, contudo, tem sido retratado como um homem que tem uma boa formação educacional, uma renda elevada, geralmente provém das classes média e alta da sociedade, e se afirma em ruptura com o modelo masculino tradicional, e suas companheiras, quase sempre, são profissionais que não estão dispostas a abrir mão de sua carreira para se tornarem mães em horário integral.

No que concerne a Badinter (1993), o homem contemporâneo demonstra habilidade e potencial para exercer tais funções, não aceitando costumes antigos, pois na atualidade há uma mudança no perfil dos valores culturais na sociedade. No momento em que a mulher estabelece capacidade de conciliar a vida doméstica com sua carreira profissional, ela vem enfrentando diversas problemáticas em seu cotidiano, pois não é fácil a jornada dupla, haja vista que a mesma mulher que trabalha, conseqüentemente é a mesma que tem filhos, casa, esposo, ou seja, existe um agregado de funções em seu cotidiano, até mesmo em trabalho que antes apenas os homens faziam.

Importante mencionar que a valorização da mulher "trabalhadeira" se deu até o momento em que sua presença em outras atividades que não as do lar, serviram aos interesses econômicos da época, sendo considerada como "esposa ideal", desejável para aquele que queria progredir social e economicamente. (PEDRO, 1998, p. 276).

Segundo Silva (1992), na sociedade patriarcal as mulheres são "em essência" inferiores aos homens, o que significa que a desigualdade existente entre homens e mulheres constitui uma assimetria natural. Nesse sentido, situa-se a sociedade atual como uma sociedade machista, no qual o homem é considerado o mais importante na família, ocupando sempre o lugar de chefe. Isso se reflete, também, na sociedade civil em que o homem exerça papel superior à mulher, conforme afirma o autor:

É a partir deste processo sociocultural de construção da identidade, tanto masculina, quanto feminina, que ao menino é ensinado a não materna, não exteriorizar seus sentimentos, fraquezas e sensibilidade, a ser diferente da mãe e espelhar-se no pai, provedor, seguro e justiceiro; em contrapartida, à menina acontece o oposto, ela deve identificar-se com a mãe e com as características definidas como femininas: docilidade, dependência, insegurança, entre outras. (PASSOS, 1999 apud FONSECA; LUCAS, 2006, p. 5).

De acordo com Carloto (2001), a sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma.

Existem muitos valores culturais que impõem às mulheres determinadas situações de forma preconceituosa, racista como se por ser do sexo feminino não tivessem determinado valor social, como se o fato de nascer mulher estivesse condicionando a ser dona de casa e esposa.

Como se viu, a participação do homem nos serviços domésticos vem se moldando de acordo com as necessidades, influenciada pela educação, política, economia, e por todo meio em que ele está inserido.

A princípio, a formação e a cultura em massa pregavam que a mulher era destinada a cuidar do lar e aquela que fosse estéril era considerada uma aberração na sociedade. As aprendizagens destinadas a ela eram coser, cozinhar e reproduzir, o que a tornava carente de uma educação escolar. Essa prática se acentuava de forma mais ou menos intensa a depender da cultura de cada povo. Ao homem, foi dada uma liberdade maior, ficando ele com a responsabilidade de se infiltrar no campo político e econômico, tendo a mulher sob sua responsabilidade. Mas, ao se manifestarem aqueles que não concordavam com tais princípios, foram surgindo movimentos propostos por grupos de mulheres.

Todos os movimentos sociais que reivindicam algo perante o modelo político econômico imposto pela sociedade dominante vigente, contribuíram para essa mudança que vem ocorrendo nos últimos anos. Dentre vários movimentos, os que mais contribuíram para tal mudança estão ligados aos movimentos feministas e à medida que a mulher vai ganhando seu espaço ela acaba dividindo e atribuindo tarefas ao homem, antes apenas de sua responsabilidade.

Um estudo feminista realizado por Regina Madalozzo, Sérgio Ricardo Martins e Ludmila Shiratori, em Florianópolis, 2010, aponta que, a participação dos homens no trabalho doméstico aumentou nos últimos 50 anos, mas é bem inferior a das mulheres e, para bases de dados mais aprofundadas na questão das características do trabalho efetivamente realizado dentro das residências, também se descobre que as tarefas mais 'nobres' do trabalho doméstico são relegadas aos homens. Além disso, a divisão sexual do trabalho não tem efeito somente no emprego e na participação diferenciada de homens e mulheres no mercado, mas também afetam a forma como essas relações se difundem na sociedade.

Os homens que recebem salários mais elevados tendem a ter diminuição na participação do trabalho doméstico e um aumento relativo no mercado de trabalho. Os fatores culturais, também, podem influenciar a colaboração do homem nas tarefas da casa.

São evidentes as transformações significativas no contexto familiar e conjugal. Deste modo, a própria descrição de família parece estar em indagação, visto que o paradigma herdado da década de 1950, onde o homem é provedor do lar e a mulher dedica o seu tempo para cuidar da casa e dos filhos, parece está tomando novas diretrizes. A propósito, este padrão visto como tradicional, foi somente a primeira versão do que chamamos família moderna.

Como já foram citadas, essas mudanças têm ocorrido ao longo do tempo, porém, ainda existem papéis que são consagrados para a mulher dentro dos afazeres domésticos.

Para a constituição de uma família, nesses moldes de relação conjugal, é inegável que a sociedade tenha se transformado. Assim, o trabalho doméstico para o sexo masculino, entra como um dos fatores responsáveis pela modificação de funções nas tarefas domésticas.

Dessa forma, mesmo encontrando um mundo com objetos e significados já construídos por outros homens, o ser humano pode transformar a sua realidade, visto que ele vive eternamente se transformando, pois nada é permanente. Assim:

Apenas quando formos capazes de, partindo de um questionamento deste tipo encontrar as razões históricas da nossa sociedade e do nosso grupo social que explicam por que agimos assim hoje da forma como o fazemos é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos. (LANE, 1991, p. 23-24).

Percebe-se, pois, que quando o homem toma consciência da importância da sua história, e da atuação e transformação no seu mundo externo, a exemplo do mundo do trabalho doméstico, ele transforma a si próprio, tomando consciência de si, num processo de autoconstrução e crescimento individual e social.

5 CONCLUSÃO

Considerando-se o que foi apresentado, observou-se que foi no período da barbárie que ocorreu a divisão de tarefas domésticas em que a mulher ficou responsável pelas atividades do lar, cabendo ao homem às tarefas fora de casa. Essa divisão, ao mesmo tempo em que afastou o homem das atividades domésticas, estabeleceu a ideia de que ele era o provedor do lar, ao ser responsável por buscar a alimentação da família. Essa ideia perpetuou-se e fortaleceu-se ao longo da história. No entanto, atualmente, ela tem sido questionada e revista.

Com as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, seja no âmbito educacional, econômico ou sociocultural, em que as mulheres estudam, inserem-se no mercado de trabalho e atuam ativamente no campo social, inclusive lutando pelos seus direitos, o homem vê-se no dever de compartilhar as tarefas domésticas o que indica uma quebra, ainda que "tímida," do paradigma de que o sexo masculino não é responsável pelo trabalho doméstico e que este cabe apenas à mulher. Observa-se assim que o homem, ao acompanhar as mudanças impostas pela sociedade, cresce, enquanto indivíduo que reflete, que compartilha, que não explora, que toma consciência de si e do universo que o cerca.

Constatou-se que há uma escassez de estudos sobre este tema. É importante, porém, que se tenha um olhar mais aguçado sobre a inserção do sexo masculino nas atividades domésticas, visto que isso ajudará a sociedade a refletir sobre a importância de se transpor paradigmas e de se buscar caminhos que ajudem a melhorar as relações em família.

REFERÊNCIAS

ASCENSÃO, José de Oliveira. **O direito**: introdução e teoria geral. 13.ed. refundida. Coimbra: Almedina, 2005.

BACELAR, Jefersom. **A hierarquia das raças**: negros e brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. M. I. Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BONGAARTS, John. A framework for analyzing the proximate determinants of fertility. **Population and Development Review**: New York, v.4 1978.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Revendo estereótipos: o papel dos "homens no trabalho doméstico". **Revista Estudos Feministas**, v.20, n.1 Florianópolis (2012). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100014>. Acesso em: 18 ago. 2014.

CARLOTO, Cássia Maria O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v.3, n.2, jan./jun.2001. p.201-213.

DEPARTAMENTO Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – DIEESE. Estudos e Pesquisas. São Paulo. Ano 2, 2005. **A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano**: inserção marcada pela dupla discriminação. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq14112005_mulhernegra.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Bomtempo, 2002.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pmenova/defaultestudos.shtm>> Acesso em: 14 set. 2014.

- JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. **Psicol. cienc. prof.** v.30 n.2, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004>. Acesso em: 11 set. 2014.
- MADALOZZO, R.; Martins, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, v.18, n.2, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200015>>. Acesso em: 11 set. 2014
- PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e platéias:** as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Salvador: UFBA; Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar.bib?q=info:H6Zqz9W6qzsJ:scholar.google>>. Acesso em: 8 set. 2014.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** [on-line], v.24, n.1, 2005. p.77-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2014.
- PINHO, Osmundo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação, 2004. **cadernos pagu** (23), julho-dezembro de 2004. p.89-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a04.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2014.
- RODRIGUES, Auro de Jesus *et al.* **Metodologia científica**. Aracaju: UNIT, 2009, v.1 (Série Bibliográfica. UNIT).
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 9.ed. São Paulo: Moderna, 1987.
- SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher:** quem mete a colher? São Paulo: Cortez, 1992.
- SILVIA, Lane. **O que é psicologia social**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, 2007. Disponível em: <<http://www.publicationethics.org/Revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Data do recebimento: 19 de março de 2015

Data da avaliação: 16 de julho de 2015

Data de aceite: 11 de agosto de 2015

-
1. Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: acaciavilarlessa@yahoo.com.br
 2. Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: herbert_unit@yahoo.com.br
 3. Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: dejesus.joseantoniodejesus@yahoo.com.br
 4. Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: josefa_aju@hotmail.com
 5. Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: marahandrade1993@hotmail.com
 6. Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT) – Campus Farolândia. Aracaju- SE.
E-mail: stefcrestana@hotmail.com
 7. Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), desde 2014. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2006. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2004. Atualmente, é docente da Universidade Tiradentes (UNIT) e pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC/UNIT). E-mail: tatiucsal@gmail.com